

Universidade Regional do Cariri – URCA
Centro de Humanidades
Departamento de História
Disciplina: História e Memória
Professora: Sônia Meneses

Lays Ribeiro do Nascimento

**“Para que às pessoas recordam”: Análise dos aspectos da memória
através dos relatos do livro Vozes de Tchernóbil**

Crato – Ceará
Maio de 2019

“Para que as pessoas recordam”: Análise dos aspectos da memória através dos relatos do livro Vozes de Tchernóbil.

Lays Ribeiro do Nascimento¹

RESUMO: Este presente artigo tem como objetivo analisar os aspectos da memória nos seguintes monólogos do livro Vozes de Tchernóbil: “Monólogo sobre para que as pessoas recordam”, “Monólogo sem nome- um grito” e “Monólogo sobre o que não sabíamos: que a morte pode ser tão bela”. O livro Vozes de Tchernóbil traz diversos testemunhos sobre a explosão que destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, perto da fronteira de Belarús.

Palavras-chaves: História; Memória; Testemunho.

ABSTRAC: This article aims to analyze aspects of memory in the following monologues in the book Voices of Chernobyl: "Monologue about what people remember", "Monologue unnamed- a shout" and "Monologue on the that we did not know: that death can be so beautiful."

Key-words: Story; Memory; Testimony.

Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.
(José Saramago)

Em 26 de abril de 1986, aconteceu uma série de explosões que destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, perto da fronteira de Belarús. A tragédia que ocorreu em Tchernóbil transformou-se no maior e mais grave desastre nuclear/tecnológico do século XX.

¹ Estudante da Universidade regional do cariri;

A Svetlana constrói o seu livro com relatos de pessoas sobreviventes de Tchernóbil, é importante destacar a importância do testemunho na construção de uma obra como essa. Os testemunhos são de suma importância, pois não há testemunho sem experiência. E a narração do testemunho e da experiência está unida ao corpo e a voz. As experiências são irrepetíveis e todas estão ao perigo da experiência. Logo, o cuidado aumenta, pois quando a narração se separa do corpo, a experiência se separa do sentido.

Nesse livro ela traz as experiências dessas pessoas, e os depoimentos são ligados a realidade dessas pessoas. David Thelen nos lembra que, “como as memórias conferem segurança, autoridade, legitimidade e, por fim, identidade ao presente”.

A historiografia é um dos lugares da memória, como a fotografia, as cartas, depoimentos, etc. cabe lembrar que a história é diferente da memória. Para SARLO,

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência a história e a memória, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança. (P.9, 2007).

A história se baseia na demonstração, nos objetos, nos documentos. Se constitui em processo de análise crítica das fontes, uma investigação diferente da memória que está voltada para as experiências pessoas vividas.

A autora Svetlana escreve no seu livro relatos sobre Tchernóbil², como as pessoas tiveram acesso à informação sobre o que aquela explosão realmente causou, como elas seguiram a vida e o que o desastre causou nelas e em suas famílias, mas principalmente sobre o que aquelas pessoas sofreram, no livro da mesma encontramos relatos que nos deixa impactados.

Um dos relatos em que não pude conter as lágrimas foi o que é intitulado como “Uma solitária voz humana”, nesse relato uma esposa fala sobre desde que ela e seu esposo souberam da notícia até serem afetados pela radiação, Liudmila era casada com um dos bombeiros que foram chamados para apagar o fogo da usina. Ela conta que eles não sabiam exatamente do que se tratava, que pensavam que era um incêndio como os

² Vozes de Tchernóbil- A História Oral do Desastre Nuclear livro da autora Svetlana Aleksíévitch publicado em 1997;

outros, o depoimento dela vai desde o amor a morte, ela fala que lutou de diversas maneiras para estar ao lado do esposo.

No depoimento de Liudmila podemos observar aspectos da memória coletiva, ela fala das relações dela tanto com a família e de como teve que subornar pessoas para poder entrar no hospital em que o esposo estava internado, esses detalhes são evocados no depoimento da esposa, e segundo Maurice Halbwachs.³

“O depoimento não tem sentido senão em relação a um grupo a qual faz parte, pois supõe um acontecimento vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referencia no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam” (P.13,1968)

Podemos observar com clareza que nos depoimentos encontrados no livro da Svetlana tem uma evocação da memória (coletiva, individual, dever de memória, identidade e enquadramento da memória), cabe lembrar aqui que o depoimento é a construção da memória, nos relatos podemos observar que muitos tinham o desejo de construir essa memória, de falar para o mundo sobre o que aconteceu, de gritar para o mundo da existências de familiares que faleceram por causa da radiação.

Além de perder os entes queridos as pessoas que viviam em Tchernóbil vivenciaram a experiência de ter que sair de suas casas e de suas rotinas, também tiveram dificuldade em encontrar outro local acolhedor, as pessoas não se aproximavam, olhavam elas com um olhar de medo e a grande maioria das pessoas que eram de Tchernóbil não podiam revelar a sua origem.

Quanto a mim, eu me dedico ao que me chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns. Aqui, no entanto, nada é ordinário: nem as circunstâncias nem as pessoas que, obrigada pelas circunstâncias, colonizaram esse novo espaço, vindo a assumir uma nova condição. Tchernóbil para elas não é uma metáfora ou um símbolo, mas a sua casa. Quantas vezes a arte ensaiou o Apocalipse, experimentou diversas

³ Consular o livro A memória coletiva, 2 edições do ano de 1968, Paris, França.

versões tecnológicas do fim do mundo, mas agora sabemos com certeza que a vida é mais fantástica ainda. (Svetlana, P.40, 2015)

A Svetlana demonstra um sentimento de dever de memória, ela traz os relatos como uma forma de dá um lugar de fala para essas pessoas, ela dá voz a essas pessoas e dá vida a pessoas que morreram com radiação.

MONÓLOGO SOBRE PARA QUE AS PESSOAS RECORDAM

Beatriz Sarlo fala que a lembrança é incontornável, isso nos permite ver que mesmo que não queiramos lembrar algo isso torna-se impossível pois a memória é espontânea.

Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontornável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do passado porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-se próprio. (SARLO, P.10, 2007)

Neste monólogo a testemunha faz muitas perguntas sobre o para que lembrar, observo que o seu desejo real é esquecer, mas como esquecer tudo o que viveu em Tchernóbil? É impossível não falar do passado (...) o passado sempre chega ao presente.⁴

Analisando o relato de Piotr chego à conclusão que os acontecimentos de Tchernóbil lhe causou um trauma. Podemos observar a presença do trauma no depoimento do Piotr:

[Piotr S.] – (...) por um lado, sinto o desejo de me abrir, de desabafar, mas por outro, é como se eu me desnudasse, e eu não gostaria de fazer isso... (...) o que eu sinto...

⁴ Ver o livro da Beatriz Sarlo: Tempo passado cultura da memória e guinada subjetiva, publicado no ano de 2007, página 10;

eu me torturei e me revirei na memória, lembrei... (...) para mim, são lembranças tão difíceis que não falo delas em voz alta. (Vozes de Tchernóbil, P. 55-56, 2015)

Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.⁵ Esse aspecto é visível no testemunho do Piotr pois no final do seu relato podemos observar outro aspecto do trauma, quando ele fala que depois que ele falou pode enfim compreender algo e que já não se sente tão só.

O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal.⁶ O relato de Piotr nos mostra características sobre o que as pessoas de Tchernóbil ainda passa, muitas delas conseguem falar, outras já são como o Piotr que busca respostas para entender o motivo da recordação, pois não entendem porque não esquecem. “Queria esquecer. Esquecer tudo... Esquecer... Eu pensava que o acontecimento mais terrível da minha vida já tinha passado (...) para que as pessoas recordam? É a minha pergunta” (Vozes de Tchernóbil, P.57, 2015).

MONÓLOGO SEM NOME- UM GRITO

O desastre que aconteceu em Tchernóbil modificou a vida de quem morava lá, muitas pessoas não podiam dizer de onde eram. Elas só queriam gritar e falar que pertenciam a Tchernóbil. Essas pessoas eram vistas como motivo de pesquisa para a ciência, eram vistas como um “belo” quadro, como uma peça de teatro, as pessoas não estavam preocupadas com o que eles sentiam ou se estavam bem, parecia que existia dois extremos: ou as pessoas se afastavam por medo, ou elas se aproximavam para benefício próprio.

Muitas crianças foram afetadas pela radiação, por causa disso muitas adquiriram a alopecia⁷, elas sentem muita dor, dor nas costas, tontura entre outras dores, muitos deles ficaram sem pelo, sem sobrancelhas, sem cabelos.

Neste monólogo a testemunha é um médico rural, o nome dele é Arkádi Pávlovitch, primeiro ela diz que as pessoas falam com eles e vão embora só que eles

⁵ Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas do Professor livre-docente de Teoria Literária na Universidade de Campinas (UNICAMP) e pesquisador do CNPq Márcio Seligmann-Silva, Rio de Janeiro 2008, página 66.

⁶ Idem, p. 69.

⁷ Alopecia segundo o dicionário brasileiro significa: substantivo feminino, algo relacionado a medicina, perda temporária ou definitiva, senil ou prematura, total ou parcial, de pelos ou cabelos.

continuam lá, eles tem uma ligação com Tchernóbil que nenhuma peça teatral ou livro irá explicar, eles tem um sentimento de perda e uma grande ligação com o passado.

Arkádi fala em seu depoimento que todos os dias pega uns prontuários de crianças que nasceram um ano antes da explosão, no ano e da explosão e do ano seguinte, e ler todos, o seu depoimento é um grito para a humanidade, ele fala que tudo o que passa na tevê é tolice, e pede para mostrar isso ao prefeito da capital, e diz que não quer fazer comércio da desgraça.

É claro que o Arkádi não quer esquecer, conseguimos observar que há uma repressão da memória, apesar dele não sobre o que ele passou em Tchernóbil mas ele sobre o que as crianças tiveram que enfrentar, fala que na sua aldeia só tem uma escola primária e que depois as crianças tem que ir na outro lugar para dá continuidade aos estudos, porém ela se recusam, pois as outras crianças ri delas, por não ter cabelo, por não ter cílios.

Para Michel Pollak

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta esteja bem mais organizada. (P.4, 1992)

Podemos ver também um processo de organização e estruturação da memória Arkádi até por que esse processo pode ser consciente ou inconsciente. Pollak fala quando se trata de uma memória herdada, podemos dizer que existe uma relação entre a memória e o sentimento de identidade.⁸

Sobre essa ligação entre a memória e o sentimento de identidade Pollak explica que a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.⁹

⁸ Pollak: Memória e Identidade social, ano 1992, estudos históricos, p.5.

⁹ Idem, p 5.

Arkádi tem um sentimento de identidade com essas crianças justamente por pertencer ao seu grupo social, grupo que faz parte da memória coletiva do mesmo, é nesse relato que também vemos que a memória é seletiva, que a memória passa por processo.

A memória assimila-se a um caso individual, pessoal. Podemos entendê-la como elemento coletivo e social, como um caso construído coletivamente e submetido a transformações constantes.

MONÓLOGO SOBRE O QUE NÃO SABIAMOS: QUE A MORTE PODIA SER TÃO BELA

Mas os “relembra”, dando-lhes assim seu caráter do passado presente, com respeito ao qual sempre há uma dívida não paga.¹⁰ Nesse monólogo a testemunha fala que no início eles cassaram um culpado e depois que acharam se questionaram como eles iam se salvar. Este é o último monólogo a ser analisado e a dialogar com os aspectos da memória, ele está na localizado na terceira parte do livro Vozes de Tchernóbil, essa terceira e última parte traz testemunhos a respeito pela a admiração pela tristeza.

Nesse sentido comento sobre o processo da memória em si, isso refere-se que cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.¹¹

A memória coletiva e individual é visível em todos os relatos, todos estão ligados a um acontecimento coletivo e ao mesmo tempo estão ligados aos acontecimentos vividos pessoalmente.

No relato da Nadiéjda Peteóvna ela fala sobre como se deu a admiração pela tristeza:

[Nadiéjda Peteóvna] aconteceu na noite de sexta para sábado. De manhã, ninguém suspeitava de nada. Mandeí meu filho para à escola, o meu marido foi ao barbeiro. Eu estava preparando o almoço, quando o meu marido veio correndo com as seguintes palavras: “Houve algum incêndio na central atômica. As ordens são de não desligar o rádio.” Eu me esqueci de dizer que vivíamos em Prípiat, perto do reato. Até hoje tenho diante dos meus olhos o clarão cor de framboesa brilhante, o reator parecia

¹⁰ Consultar Beatriz Sarlo: Tempo passado cultura da memória e guinada subjetiva, 2007, p.28.

¹¹ Pollak: Memória e identidade, 1992, p.7.

iluminar-se de dentro. Uma luz incrível. Não era um incêndio comum, era uma luz fosforescente. Era lindo. Se esquecemos de todo o resto, era muito bonito. (...) Nós levantávamos as crianças nos braços: “Veja! Lembre-se disso!”. E eram pessoas que trabalhavam no reator. (...) naquele pó negro. Conversamos... Respirávamos... Admirávamos o espetáculo... (Vozes de Tchernóbil, 2015, p.241-242)

O relato da Nadiéjda Peteóvna nos mostra como as pessoas de Tchernóbil não tinha ideia do que o reator iria causar nas vidas, e apesar de não ter noção disso ela mostra no testemunho da inocência que tiveram ao ver a explosão, não passava pela cabeça deles que a partir daquele momento a vidas deles seria modificadas.

Ela traz à lembrança de que não tinha ideia que um átomo de uso pacífico também matava e que talvez a cidade toda poderia não acordar depois daquela noite.

Por conseguinte, a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (...) para conservar a lembrança ou para reparar a identidade machucada.¹²

CONCLUSÃO:

Vozes de Tchernóbil é um livro onde encontramos relatos de pessoas que viveram em Tchernóbil, o livro é dividido em três partes, a primeira intitulada como “A terra dos mortos”, a segunda parte chama-se “A coroa da criação” e a terceira é “Admiração pela tristeza”. Essa questão de o livro ser dividido em três partes foi o que me fez escolher um monólogo de cada parte.

Nesse artigo fiz diálogos com alguns aspectos da memória, sempre fazendo uma ligação de ambos, falando sobre alguns conceitos da memória.

A Svetlana demonstra um dever de memória, um tratamento especial com a memória, de conserva-la, de trabalha-la, pois, a mesma se vincula com a realidade.

Este artigo é um diálogo entre os textos da Disciplina História e Memória e o livro da Svetlana Vozes de Tchernóbil.

¹² Consultar Beatriz Sarlo: Tempo passado cultura da memória e guinada subjetiva, 2007, p.19.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. Vozes Tchernóbil, tradução do russo Sonia Branco. – 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral, 8. ed. Rio de Janeiro. editora FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Universidade da França – 1968.

MENESES, Sônia. Luto, identidade e reparação: vídeo-biografias de desaparecidos na ditadura militar brasileira e o testemunho no tempo presente. 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva; São Paulo. Companhia das letras, 2007.

SILVA, Márcio Seligman. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Rio de Janeiro, 2008

THELEN, David. Introduction: memory and American history. In: Thelen, D. (ed.). Memory and American history. Bloomington, Indiana University Press, 1990. P. XVI.